



EDITORIAL

A concepção da violência ocorreu simultaneamente ao nascimento do gênero humano. Essa sentença não é hiperbólica, e também não é confortável. Vale dizer, ainda, que desde então os dois sujeitos têm partilhado da companhia um do outro e mantido relações estreitas numa frequência verdadeiramente histórica.

Os livros de mitologia são testemunhas disso, porque neles estão contidos milhares de nomes de deuses e heróis cujas façanhas e atributos foram, em última análise, conferidos por meio da violência. Veja-se o deus egípcio Seth, que assassinou seu próprio irmão Osíris para roubar dele a esposa e o reino, ou mesmo o titã grego Prometeu, condenado ao suplício diário depois de ter furtado dos deuses do Olimpo o seu fogo primordial. O Velho Testamento, por fim, não poderia fornecer um testemunho melhor do que aquele contido em suas páginas.

As mitologias contemporâneas respeitaram a tradição: há todo um panteão novo de heróis e divindades que, sem dúvida alguma, estão calcados naquela violência anciã, mesmo que ela esteja oculta sob certa “sofisticação” moderna. Contudo, não se pode dizer o mesmo daqueles que deveriam ser seus adoradores. A crítica e seus questionamentos, que endossam um pensamento humanista, dá indícios de que a antiga tradição de admiração e culto à violência, ao menos um dia, chegará ao fim.

Contudo, seria ingenuidade acreditar que a quebra de uma tradição milenar fosse desaparecer facilmente. O sofrimento de muitos precedeu o início da ruptura, e o sofrimento de muitos outros vai sucedê-lo. A promoção e a valorização dos Direitos Humanos são poderosas ferramentas nesta busca. Por outro lado, não é menos importante conhecer, estudar e compreender os fenômenos da violência e da criminalidade sob um anteparo crítico, analítico e, sobretudo, humano.

Trata-se de romper algemas, transpor obstáculos e transgredir. Transgredir fronteiras, transgredir limites, transgredir preconceitos e, sobretudo, transgredir a realidade cruel e opressora em via de que se alcance a tão sonhada humanidade. Este é o objetivo da Revista Transgressões. Transgredir para mudar, mudar a sociedade, mudar a realidade. Mudar a história.

A Transgressões e seu corpo editorial, porém, podem fazer pouco por si sós. É somente através do incentivo à pesquisa e da disseminação de conteúdo que seus objetivos podem ser, de algum modo, realizados. Por isso, é com grande contentamento que escrevemos esse editorial, sabendo que ele simboliza também a conclusão de um novo capítulo da nossa história. Após observar o crescente número de pesquisas submetidas à publicação, chegamos em nosso terceiro número reconhecendo que temos tido sucesso em incentivar a pesquisa científica dentro das ciências criminais, mesmo que sejamos um periódico científico pioneiro dentro de nosso estado.

Agradecemos, sobretudo, àqueles que submeteram seus trabalhos, que confiam e acreditam nessa iniciativa, ajudando a ampliar e disseminar um pensamento criminológico mais humanizado.

Natal, 20 de maio de 2014.

Comissão Editorial